

AS FORMAS DO FERRO E AS DOBRAS DO OLHAR

Renata Azevedo Requião¹

Haveria um mundo imaginário feito apenas pelas cidades as quais guardamos em nossa memória? Caso a resposta seja afirmativa, quantas cidades somos capazes de guardar em nós? Mesmo que essas sejam perguntas sem resposta, e um tanto fantasiosas, certo é que juntos multiplicamos ao infinito a experiência de vida na cidade.

O fato de viver nas cidades deu aos homens a possibilidade de desenvolver e encontrar formas de controlar a realidade, e também de representar nelas a realidade de seu entorno. Em função da vida urbanizada, coletivamente vivida, vida civilizada, criamos um lugar cheio de lugares por dentro. Assim parece ser uma cidade: enovelada em si, recôndida, às vezes explícita. Foi nela que projetamos instrumentos, artefatos e objetos de todos os tipos. Ela própria um grande objeto a nos envolver a todos que nela habitamos: a grande cidade-objeto.

Vivendo em meio a uma miscelânea dos objetos, em meados dos anos sessenta, Fischer inventou uma espécie de jogo, feito de pequenas régua plásticas e círculos dentados, esses por sua vez cheios de furinhos a distintas distâncias do centro. Ao introduzir a ponta de um lápis preto ou de uma caneta colorida num furinho, e fazendo o disco escolhido girar sobre a régua que servia de base, era possível produzir desenhos que pareciam pequenos rombos, novelinhos, cujo emaranhado de linhas dependia de várias coisas: do círculo móvel, dentado (de seu tamanho, sendo os menores bem pequenos, e os maiores talvez com uns dez centímetros de circunferência!), do furinho selecionado (aquele onde se colocava a ponta do lápis!), da peça selecionada como base para o giro (se a régua ou se a circunferência, ambas também dentadas, e de seu *número de dentes*), e ainda da posição do círculo móvel em relação à base. Era um sistema, como se vê. E bastante complexo.

Com aquela régua mágica, fazíamos rombos de todos os tipos, em várias cores e arranjos, em diferentes arcos, elipses e circunferências cujos raios e cordas (termos que desconhecíamos) variávamos. Mudávamos por pura alegria a posição da ponta do lápis por entre os multifurinhos dos pequenos discos dentados, a exigir controle de nossas mãos, ainda pouco domesticadas. *Riorama* era o nome fantasia daquele objeto entre tantos objetos um tanto mágicos.

Hoje descubro que o nome técnico daquela régua mágica é *espirógrafo*. Aprendo que ela serve de base, geométrica, para o que aqui se mostra. Desconfio que talvez outros daqueles antigos artefatos, *pantógrafos*, *perspectógrafos*,... possam ser utilizados para revelar a onírica cidade de Pelotas que os jovens arquitetos de agora, dominando as novíssimas tecnologias, são capazes de nos mostrar.

A cidade que aqui, nestas imagens, cada um deles mostra é certamente um lugar escolhido por entre os tantos lugares que nossa rica cidade ora evidencia, ora esconde. A cidade é sempre, em certa medida, um lugar geométrico, planejado.

¹ Arquiteta Urbanista, Licenciada, Mestre e Doutora, em Letras. Professora, pesquisadora e orientadora, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (Mestrado), e na Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes, UFPel. Atua ocasionalmente nos cursos de Antropologia, Arquitetura e Letras.

Noutra, é lugar de sonho, puro desejo e devir.

Estes jovens brincam com as possibilidades permitidas por *processos paramétricos* (certa programação visual, desenvolvida através de tecnologia, permite programar desenhos e trajetórias), através da abstração de regras matemáticas (que permitem criar e recriar o mundo). Em exercícios com a tecnologia (não os da mão segurando o lápis a fazer girar o círculo dentado), utilizam-se de elementos existentes no patrimônio arquitetônico de Pelotas, para nos ensinar a rever nossa cidade. E para a, nela, sonharmos.

A partir de esqueminhas que parecem conexões de eletricidade, ou conexões neuronais, fazem desenhos que são a um só tempo realidade e virtualidade, a um só tempo mundo real e mundo geometrizado. A base para esses desenhos vem dos elementos em ferro, reais, existentes em alguns lugares de nossa cidade. No destaque dos desenhos vemos o que não vemos em nossa correria diária.

Estes jovens, cujo nome se lê, não desenham nem modelam... estabelecem regras matemáticas, em geometria e lógica, capazes de gerar (como só um caleidoscópio, um fractal, uma folha, ou uma cidade!) tais composições, através de repetições, deformações, simetrias, e algumas recursões – figurações de sua intimidade com a cidade de em que vivemos. Seremos certamente mais felizes vendo daqui a Pelotas que eles viram.

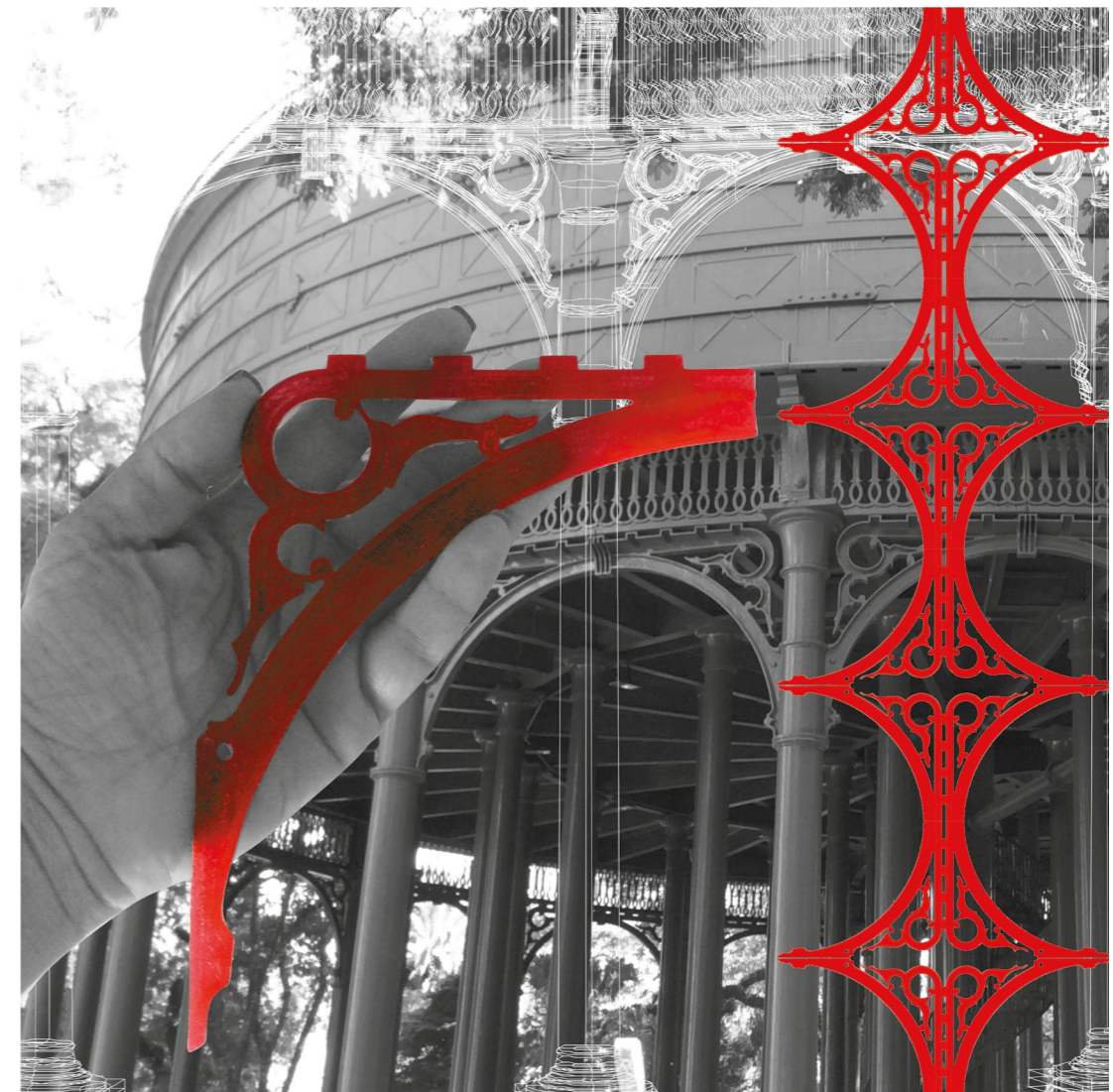


Figura 1: Composições por desenho paramétrico realizadas por Juarez Parode, enquanto estudante, em 2014, do Curso de Especialização em Gráfica Digital, FAURB, UFPel. Imagem editada por Gustavo Brod. Publicada em HOMOFABER/CAAD FUTURE2015/the next city.

Figura 2: Composições por desenho paramétrico realizadas por Cristiane Nunes, enquanto estudante, em 2014, do Curso de Especialização em Gráfica Digital, FAURB, UFPel. Imagem editada por Gustavo Brod. Publicada em HOMOFABER/CAAD FUTURE2015/the next city

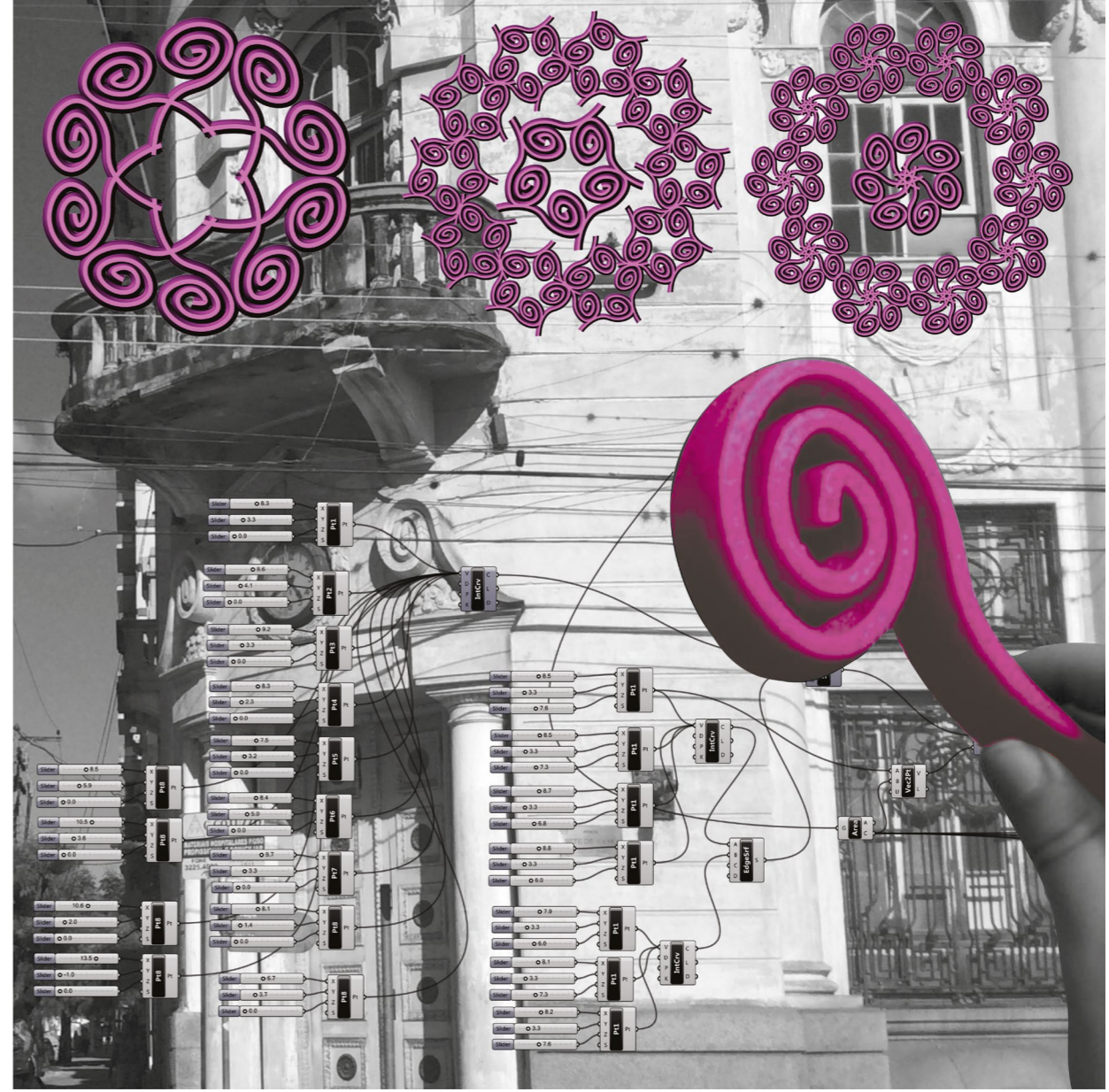
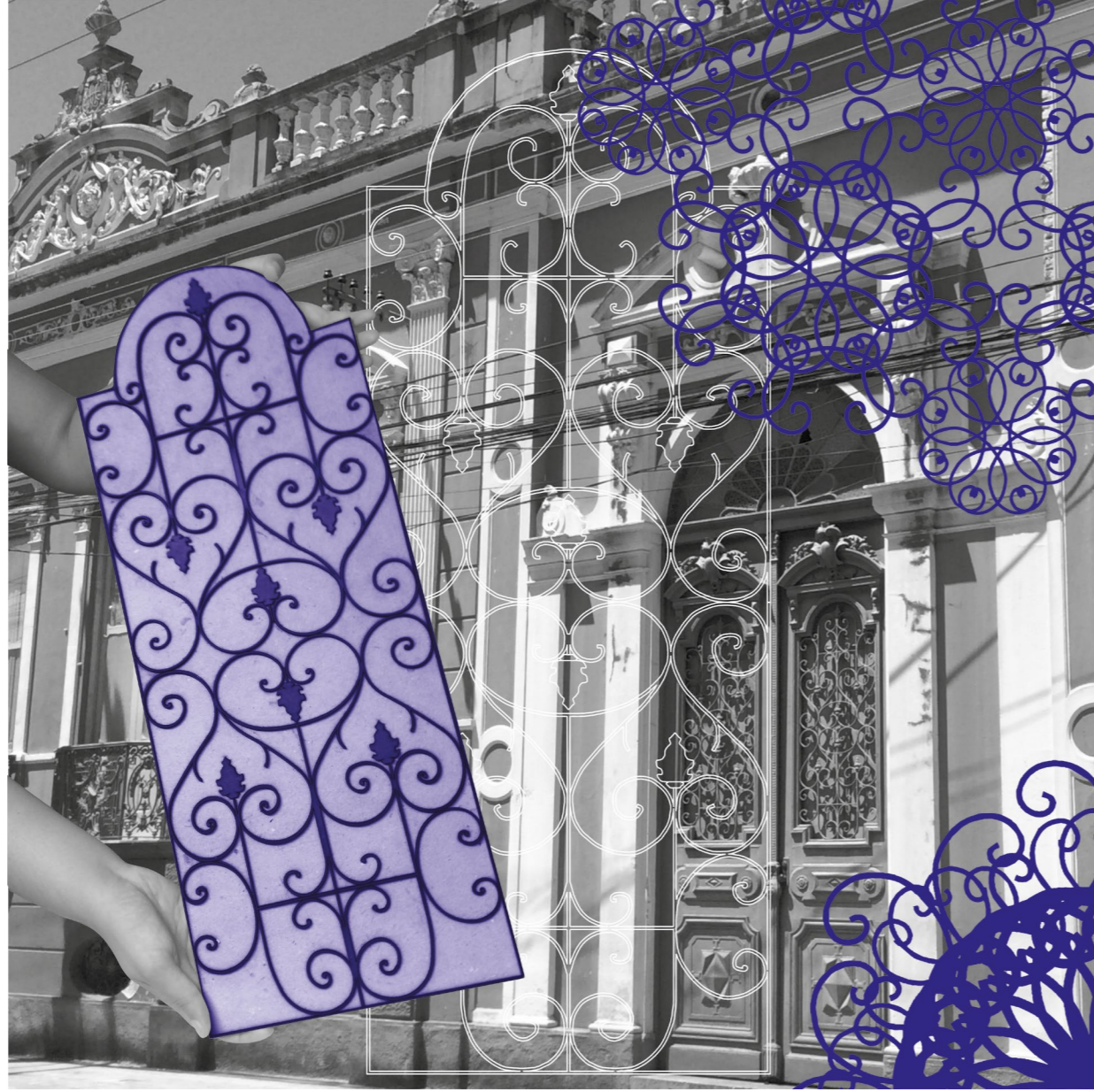


Figura 3: Composições por desenho paramétrico realizadas por Tássia Vasconcelos, enquanto estudante, em 2014, do Curso de Especialização em Gráfica Digital, FAURB, UFPel. Imagem editada por Gustavo Brod. Publicada em HOMOFABER/CAAD FUTURE2015/the next city.